

Educação Ambiental Crítica e Educação Infantil: uma interlocução possível

Critical Environmental Education and Children Education: a Possible Interlocution

Adriana Regina de Oliveira Couto

PECIM – Unicamp
adrianteacher74@gmail.com

Alessandra Aparecida Viveiro

Faculdade de Educação – Unicamp
alessandraviveiro@gmail.com

Resumo

Diante da crise ambiental planetária, a escola pode e deve proporcionar momentos de reflexão sobre as questões ambientais junto às crianças, desde a Educação Infantil. Partindo deste pressuposto, desenvolveu-se um trabalho que teve como objetivo elaborar, desenvolver e avaliar um processo formativo de Educação Ambiental crítica com crianças de 3 a 6 anos de um Centro de Educação Infantil do município de Campinas - SP. Optou-se por uma sequência didática com atividades envolvendo as relações entre consumo, consumismo, obsolescência. Os dados foram registrados por meio de gravações em vídeo e diários de campo. A análise dos resultados fornece indícios de que é possível fazer as primeiras aproximações com um viés crítico com crianças pequenas.

Palavras chave: educação ambiental, educação Infantil, consumismo.

Abstract

Faced with the planetary environmental crisis, the school can and should provide moments of reflection on environmental issues among children, since Early Childhood Education. Based on this assumption, a work was developed that aimed to elaborate, develop and evaluate a formative process of Critical Environmental Education with children from 3 to 6 years of a Center for Early Childhood Education in the city of Campinas - SP. We chose a didactic sequence with activities involving the relations between consumption, consumerism, obsolescence. Data were recorded through video recordings and field journals. Analysis of the results provides indications that it is possible to make the first approximations with a critical bias with young children.

Key words: environmental education, children education, consumism.

Introdução

Vivemos tempos de crise: política, econômica, educacional, cultural, entre outros. Com o meio ambiente não é diferente, a todo o momento nos deparamos com a crise ambiental que se revela em demandas locais ou globais. Após o advento da revolução industrial, com os avanços tecnológicos e novas formas de produção de trabalho, estamos usufruindo e perdendo nossos recursos naturais, causando impactos no ambiente, e juntamente com isso vivendo conflitos sociais e econômicos.

Diante deste cenário, ações educativas devem ser realizadas, pensando urgentemente em uma Educação Ambiental que aborde os problemas ambientais em suas diferentes dimensões: físicas, econômicas, sociais, políticas, culturais. Apesar disso, Foladori (2001) aponta que nem sempre acontece uma abordagem crítica quando se tratam as questões ambientais pois, na maior parte das vezes, a crise ambiental é vista por um âmbito mais técnico, que privilegia aspectos físicos e ecológicos, em detrimento de questões sociais que, para o autor, são centrais.

Foladori (2001) discute que, sem uma análise de como as relações capitalistas obrigam a um determinado comportamento do ser humano em face de seu ambiente, não podemos entender as causas da crise ambiental contemporânea.

Em face desta crise ambiental, é importante e necessário que a Educação Ambiental (EA) contemple as questões socioambientais, em todos os níveis e modalidades de ensino. Porém, o campo da EA não é consensual. Ao contrário, é permeado por controvérsias, a exemplo do que discutem Layrargues e Lima (2014) ao abordarem três grandes macrotendências em EA: conservacionista, pragmática e crítica.

A macrotendência conservacionista é expressa por uma visão de proteger e conservar a natureza. São comuns atividades de ecoturismo e experiências agroecológicas. Valoriza a natureza, levantando a “bandeira verde”, sem questionar a estrutura social vigente em sua totalidade.

Já a macrotendência pragmática é expressa por uma visão de educação para o desenvolvimento sustentável e consumo consciente e há uma preocupação com a produção crescente dos resíduos sólidos, certificações, mecanismos de desenvolvimento limpo e ecoeficiência produtiva.

Essa tendência tem uma séria crítica ao consumismo e à obsolescência programada. No entanto, segundo Layrargues e Lima (2014), na vertente pragmática há uma ausência de reflexão que permite compreender o contexto e a articulação das causas e consequências dos problemas ambientais.

A macrotendência crítica se opõe às tendências conservacionista e pragmática, tentando contextualizar e politizar o debate ambiental, problematizando as contradições dos modelos de desenvolvimento e de sociedade. Trabalha conceitos como democracia, cidadania, participação e compromete-se com a transformação e a justiça ambiental.

Dentro desta perspectiva crítica, entendemos que consumismo é um tema profícuo para discussão, uma vez que a mídia atua cotidianamente e de forma intensa na tentativa de moldar valores éticos, estéticos, sociais. As crianças, infelizmente, não escapam a essa influência. Daí a importância de abordarmos temáticas socioambientais desde a Educação Infantil, com as crianças pequenas.

Apesar disso, um breve levantamento da produção científica brasileira apontou que há poucos trabalhos sobre EA com crianças pequenas. Buscamos teses e dissertações disponíveis no

portal do Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental (EArte)¹, artigos publicados nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)² e do Encontro Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA)³, bem como publicações no periódico Pesquisa em Educação Ambiental⁴ e Revista Eletrônica de Mestrado em Educação Ambiental (REMEA)⁵. Ao todo, foram localizados 68 trabalhos, entre teses e dissertações (18), artigos em anais de eventos (15) e em periódicos (35).

Assim como os adultos, as crianças também são alvo de marketing e propaganda que estão cada vez mais se estruturando para atingir metas de vendas. Para isto, os publicitários realizam estudos no campo da psicologia comportamental, social, hábitos, tendências de consumo, tecnologias.

Tomando como base as questões até então apresentadas, voltamos nosso olhar para a inserção da Educação Ambiental na Educação Infantil, constituindo um estudo em nível de mestrado, ainda em andamento.

Baseado em pesquisas e estudos podemos afirmar que atualmente, a criança é vista como um ser singular, cidadã e como tal têm direitos. Essa criança é um sujeito histórico, social que tem direito a educação de qualidade que a considere em suas particularidades, que compreenda o seu desenvolvimento e que a ajude a se apropriar dos conhecimentos construídos, bem como construir novos conhecimentos. Neste sentido, “[...]é preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, reconhecê-las como produtoras da história”. (KUHLMANN JUNIOR, 1998, p. 31).

O Referencial Curricular para Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998), em consonância com essa criança histórica, traz como eixos centrais da Educação Infantil a brincadeira e a interação, conforme ilustra o trecho a seguir:

Ao brincar, as crianças podem reconstruir elementos do mundo que as cerca com novos significados, tecer novas relações, desvincular-se dos significados imediatamente perceptíveis e materiais para atribuir-lhes novas significações, imprimir-lhes suas ideias e os conhecimentos que têm sobre si mesma, sobre as outras pessoas, sobre o mundo adulto, sobre lugares distantes e/ou conhecidos. (BRASIL, 1998, p. 171)

Considerando essas questões, teremos em Vigotski (2007) enorme contribuição para a relação ensino e aprendizagem, ao estudar sobre a mediação na constituição do ser humano. O autor afirma que o homem compreende e atua no mundo através da mediação, que pode ser instrumental ou simbólica. O ser humano cria instrumentos, objetos, ferramentas que o ajudam a atuar em seu meio ambiente. Já os signos são instrumentos psicológicos (linguagem, símbolos) que o ajudam em suas funções psíquicas como atenção e memória, por exemplo.

Assim, o papel do professor/adulto é fundamental no processo de ensino e aprendizagem porque é ele quem vai organizar momentos para algumas mediações através das problematizações e reflexões.

Com base nesses pressupostos, entendemos que cabe ao professor, desde a Educação Infantil, favorecer situações de aprendizagem que permitam às crianças conhecer, sentir e interpretar o mundo, começando pelo seu ambiente e suas vivências. Esse processo de sensibilização, percepção, pertencimento, pode ser realizado pelo viés da Educação Ambiental.

¹ Disponível em: <http://www.earte.net/teses/>

² Disponível em: <http://www.abrapec.ufsc.br/atas-dos-enpecs/>

³ Disponível em: <http://www.epea.tmp.br/#apresentacao>

⁴ Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/index>

⁵ Disponível em: <http://www.seer.furg.br/remea>

Reconhecendo a importância de desenvolver um trabalho de EA já na Educação infantil, com a criança cidadã e consumidora, mas compreendendo os desafios desta faixa etária, nos deparamos com a seguinte questão: é possível realizar práticas educativas alinhadas a uma perspectiva crítica de EA na Educação Infantil, levando em consideração o nível de desenvolvimento cognitivo das crianças?

Partindo deste problema, nos propomos a planejar, aplicar e avaliar uma sequência didática com atividades que propiciassem discussões acerca do consumismo com as crianças deste nível de ensino.

Os caminhos percorridos

A pesquisa, orientada por uma abordagem qualitativa, foi realizada em um Centro de Educação Infantil do município de Campinas – SP, com crianças de Agrupamento III, que compreende a faixa etária de 3 a 6 anos.

A escola, enquanto um local do saber sistematizado funciona como um espaço de possibilidades: de formação de sentidos, de formação de opiniões, valores. Para viabilizar este processo de construção de sentidos em Educação Ambiental, elaboramos uma sequência didática contendo 14 atividades, que foram desenvolvidas com as crianças.

1- Caixa do tesouro

2- Imagens: Você precisa ou quer para viver?

3- Qual seu maior desejo?

4- Análise de duas propagandas infantis

5- Tapete de rótulos

6- Desenho animado: “Lórax: Em busca da Trúfula perdida”

7- Literatura Infantil: “A velhinha que dava nome as coisas”

8- Curta metragem: “A geladeira fujona”

9- Feira de troca de brinquedos

10- Conhecendo os objetos antigos

11- Brincadeiras cooperativas: passa bambolê e trabalho de formiguinha

12- Jogo de percurso (consumismo X consumo consciente)

13- Música: “Não custa nada”

14- Desenho do que mais gostou de aprender na sequência.

Neste artigo, trazemos um recorte do trabalho e exploramos três atividades (1, 5 e 11) que contemplam três momentos diferentes da sequência: verificação de valores trazidos pelas crianças, problematização e reflexão. As atividades foram desenvolvidas em sala pela primeira autora, que é professora da Educação Infantil na mesma unidade, e trabalhou em parceria com a docente responsável pelo Agrupamento III. Os dados foram registrados através de vídeos, fotos e diário de campo.

Zabala (1998) defende que a sequência didática é um dos caminhos mais acertados para melhorar a prática educativa, definindo-a como “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm como

um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (ZABALA, 1998, p. 18).

Caixa do tesouro

A primeira atividade da sequência didática foi a “caixa do tesouro”. As crianças foram informadas que deveriam trazer um pote de sorvete de dois litros decorado por elas, com ajuda dos responsáveis. No interior das caixas, deveriam colocar algo muito importante para elas, algo que considerassem como “um tesouro”.

Constatamos que a maioria das caixas apresentou brinquedos que são dados como brindes na compra de alguns alimentos como, por exemplo, Mac Lanche Feliz e Kinder Ovo. Como a sequência teve início logo após o feriado de Páscoa, muitas crianças trouxeram brinquedos que vieram nos ovos de chocolate. Somente duas crianças se distinguiram da turma ao levar fotos de familiares, sendo que uma criança alegou que foi sua mãe que montou sua caixa e a outra criança escolheu sozinha o seu tesouro.

O excerto a seguir ilustra um momento da atividade, quando uma criança mostra seu leão (brinquedo) que vem junto ao alimento (P indica pesquisadora e C1 e C2 duas crianças):

C1- Esse vem no kinder ovo.

P- É mesmo?

C1- Sim. Eu já tive um desse, só que o meu era azul.

C2- Todos eles vêm no kinder ovo.

P- Quer dizer que você gosta muito de kinder ovo?

C2- Não, eu não gosto muito de kinder ovo.

P- E você compra?

C2- Comprar eu compro de vez em quando.

P- Mas você gosta de chocolate?

C2- Rum, rum. (afirma que sim)

P- Você fica comprando porque quer o brinquedo ou porque você quer o chocolate?

C2- Porque eu gosto dos dois.

Há um movimento de denúncia em nossa sociedade, trazidos prioritariamente pelo Instituto Alana, contra a publicidade de alimentos associados a brinquedos e personagens, ressaltando a epidemia de obesidade infantil em decorrência de alto teor de açúcar, gordura e sódio nos alimentos (INSTITUTO ALANA, 2017).

A página do projeto “Criança e consumo” informa, a partir de pesquisas, que 80% das decisões de compra das famílias brasileiras são influenciadas pelas crianças. Isso envolve tudo o que é comprado dentro de uma casa desde alimentos, roupas, eletrodomésticos até carros. (TNS/ InterScience, 2003 apud INSTITUTO ALANA, 2017).

Sabemos que é muito difícil abolir as propagandas infantis, pois elas estão atreladas a um sistema maior, ao capitalismo, enquanto ideologia de consumo. Contudo, temos que analisar quais possibilidades temos em mãos na escola, para formar cidadãos mais críticos, que duvidem, que questionem. Podemos já na Educação Infantil problematizar a lógica consumista a partir do cotidiano das crianças, de situações problemas permeadas pelo diálogo e mediações.

A atividade da caixa do tesouro traz que realmente o marketing e propaganda influenciam de forma espantosa nossas crianças, que são potenciais consumidoras.

Tapete de rótulos

A proposta de confecção de tapete de embalagens teve como objetivo problematizar a questão da produção e descarte do lixo, bem como o consumismo desenfreado. As crianças trouxeram embalagens que guardaram por uma semana. Conversamos sobre qual era a função das embalagens e onde eram descartadas após o uso dos produtos. Ao serem questionados sobre para onde vai todo o lixo que produzimos, a maioria respondeu que o “lixeiro leva para longe” e duas crianças disseram que leva para o “buracão”.

Em pequenos grupos, eles começaram a montar um tapete de embalagens. Foi um processo muito rico que possibilitou muitas discussões. Apresentaram alguns conflitos para se organizarem, pois algumas embalagens precisaram ser limpas e muitos deles não queriam fazer a higienização, mas todos quiseram manusear o grampeador. Tivemos que fazer intervenções e ajudá-los a se organizar.

Para ampliarem os conhecimentos sobre o destino do lixo e refletirem sobre o consumismo, exibimos dois vídeos, seguidos, cada um, de rodas de conversa:

a) O caminho do lixo: Como funciona um aterro sanitário⁶

b) O nosso lixo: Caminhos da reportagem⁷

O primeiro vídeo é curto, menos de três minutos, e mostra o funcionamento de um aterro.

Conversamos sobre as doenças e os danos causados ao ambiente pelos resíduos e as possibilidades do consumo consciente. Algumas crianças, se apropriando do vocabulário utilizado no vídeo, passaram a substituir o termo “buracão” por aterro sanitário.

O segundo vídeo tem 21 minutos, mas assistimos só aos primeiros 7 minutos, tomando um recorte que trata da questão do trabalho de algumas pessoas em um lixão. Vimos o depoimento de uma moça que parou de estudar para trabalhar, para ajudar a família. Com 23 anos, morando num barraco, com três filhos, conta como é seu trabalho. Perdeu a visão de um olho no próprio lixão. Trabalha de chinelo, sem luva, em meio ao lixo.

As crianças assistiram com muita atenção e, na roda de conversa sobre o vídeo, se mostraram comovidas com a história da moça e de pessoas que se alimentavam com frutas que estavam no lixo. Outro fato que eles destacaram foi à falta de segurança dos trabalhadores que são atropelados e a perda da visão da moça.

Uma criança relatou a experiência que teve com seu avô, que era coletor de lixo, e a levou um dia para conhecer seu trabalho. Outra criança contou que seu pai trabalha com reciclagem e que ela o ajuda de vez em quando.

A partir disso, estimulamos o diálogo sobre o trabalho infantil, pois viram muitas crianças trabalhando no lixão e ouviram a experiência do colega. Parecia claro, a eles, os direitos das crianças de brincar e estudar.

Depois dessas discussões, voltamos ao tapete construído anteriormente, momento em que as crianças demonstraram espanto com a extensão que ele tomou. Identificaram seus rótulos, conversaram sobre os hábitos de consumo, alimentos saudáveis, alimentos industrializados e quando foram questionados de como poderíamos reduzir as embalagens algumas crianças responderam: “fazendo tapete!”, outras disseram que reciclando e uma criança respondeu comprando menos.

⁶ <https://youtu.be/qfJIRp2PIos>

⁷ <https://youtu.be/s846GukzIX4>

A resposta “fazendo tapete”, apesar de ir na contramão do que esperávamos (pensando que poderia significar manutenção de consumo ou, ainda, consumo para produção de tapetes de rótulos), faz sentido para as crianças pequenas, porque a atividade foi significativa para eles à medida que são bem visuais, concretas e imediatistas. Considerando esse contexto, retomamos a discussão novamente sobre a confecção dos tapetes, os vídeos e a importância da redução do consumo.

Uma criança de três anos disse que deveríamos colocar os tapetes em cima do armário e, ao ser interrogada se caberiam tantos tapetes, uma criança mais velha respondeu que fazer tapete não adiantaria e a solução seria comprar menos. Outra criança completou argumentando que poderíamos usar de novo as coisas, indicando a ideia de reutilizar.

Nas turmas de Educação Infantil, notamos que cada grupo tem uma ou duas crianças que argumentam mais, que fazem questões de uma forma mais elaborada, mais crítica e essa interação com outras crianças fornece uma ampliação de sentidos e significados para as crianças menores, que ainda não conseguem chegar a algumas reflexões se estivessem com crianças que estão no mesmo estágio de pensamento ou sozinhas.

Depois da conversa a proposta era desenhar sobre o que mais gostaram dos vídeos ou na confecção do tapete. Neste instante, notamos uma divisão bem nítida entre gênero: a maioria das meninas desenhou o tapete, que lembra a casa enquanto, os meninos desenharam mais o aterro e os caminhões de coleta que, em nossa sociedade, estão mais vinculados à figura masculina.

Durante a produção dos desenhos observamos a interação das crianças, que mudavam suas propostas ou até acrescentavam itens ao observarem a produção dos seus pares. O que aparentemente é pode parecer uma cópia, demonstra o desenvolvimento das crianças, visto que interagem o tempo todo e seus pensamentos vão se constituindo nesta interação com o ambiente e com o ser humano, conforme nos aponta Vigotski (2007).

As discussões entre as crianças, mediadas pelo adulto, também foram essenciais para este processo formativo, porque possibilitaram problematizações e construção de pensamento coletivo. Ajudar um colega a compreender que o problema do lixo não se resolve fazendo tapetes é algo interessante partindo de uma criança de apenas 5 anos, que já dá indícios que começou a compreender o problema do consumismo.

Essa atividade foi apontada com preferida pelas crianças e atribuímos isto pela própria dinamicidade que abrangeu desde o armanejamento das embalagens, passando pela higienização, produção do tapete e as reflexões sobre o lixo, consumismo. Foi uma atividade concreta em que manipularam embalagens que consomem, algo significativo, da vivência deles.

Brincadeiras cooperativas

A terceira atividade elencada aqui são duas brincadeiras cooperativas que envolveram a atenção, cooperação, memorização, percepção. O objetivo era dialogar com as crianças sobre quais as suas impressões acerca das brincadeiras que não utilizam muitos brinquedos comercializados e analisar o papel do outro (amigo).

A primeira brincadeira se chama “trabalho de formiguinhas”. As crianças pintaram canudos de papelão, utilizados em papel toalha, e usaram na brincadeira. Tiveram a tarefa de juntar os canudos com o objetivo de a bolinha passar dentro delas e cair num cesto.

A brincadeira é muito interessante porque nos permite perceber como a criança trabalha com resolução de problemas, quais seus conflitos, dificuldades: se elas interagem, se tentam resolver sozinhas, quais as estratégias escolhidas, entre outros.

Na roda de conversa, realizada após a brincadeira, apareceram ideias interessantes como: se ficar reto é mais difícil de descer; é preciso virar os canudos para que as bolinhas desçam; (inclinação); não pode apertar o canudo com força senão a bolinha não passa.

Na segunda brincadeira, a do bambolê, as crianças foram desafiadas a se organizarem em círculos e passar o bambolê para o amigo sem soltar as mãos. Observamos, nesta atividade, dificuldades de crianças mais tímidas em darem as mãos, algumas recusaram e foi preciso um trabalho de convencimento.

A sociedade capitalista nos trouxe uma realidade em que somos movidos pela competição e as crianças hoje são muito mais incentivadas a competir em brincadeiras e, por isso, podem ter dificuldades em cooperar, partilhar. A escola, neste contexto, se estiver comprometida com a igualdade social, pode e deve proporcionar momentos de brincadeiras cooperativas. A brincadeira não é algo inato, é aprendido, portanto, podemos ensinar as crianças a brincarem em outra lógica, demarcada por cooperação, estratégias compartilhadas e diálogo. Vejamos o trecho a seguir em que a pesquisadora faz uma mediação:

P- Na brincadeira do canudo, a gente precisou de que?

C12- Canudo de papel toalha e papel alumínio.

C13- Bolinha.

C5- Cesto.

P- Sim, mas o que mais?

C1- Juntar os canudos.

P- Juntar como?

C8- Com as mãos.

P- Mas as mãos são de quem?

C5- São dos outros.

P- Dos outros quem?

C21- Dos amigos.

P- Ah, então a gente precisa de amigos né?

Todos: sim.

As crianças que descobriram caminhos para a execução deste desafio ensinaram as demais. Em linhas gerais, demonstraram muito interesse e satisfação ao participarem das brincadeiras e, ao serem questionadas, a maioria disse ter gostado mais da brincadeira do bambolê.

Na roda de conversa, foi problematizada a quantidade de brinquedos comercializados que precisamos nas brincadeiras. Algumas questões: Dá para brincar sem ter muitos brinquedos? Quais os brinquedos que utilizamos? Nossa brincadeira precisou de um brinquedo para cada criança? Os canudos eram o que na brincadeira? O que aconteceria com os canudos senão utilizássemos nas brincadeiras? Brinquedo é só o que compramos nas lojas?

Algumas Considerações

A caixa do tesouro, as brincadeiras e a confecção do tapete se construíram como atividades lúdicas que proporcionaram às crianças pensar em realidades próprias, relacionando-as com impactos ambientais.

A sequência didática, conforme nos assinala Zabala (1998), potencializa a relação ensino e aprendizagem e foi organizada de forma que a professora/pesquisadora identificasse os conhecimentos prévios (caixa do tesouro), estimulasse a problematização sobre a questão do consumo (tapete de embalagens e vídeos) e, por fim, a reflexão sobre outros caminhos possíveis (brincadeiras cooperativas).

As atividades foram organizadas para serem discutidas na grande roda e em pequenos grupos, de forma a favorecer momentos de interação. Nesse processo interativo a criança não apenas reproduz comportamentos passivamente, mas participa ativamente da construção de sua própria história e cultura, de forma a se modificar e possibilitar que o outro também se transforme, neste encontro de saberes (VIGOTSKI, 2007).

As análises, ainda preliminares, fornecem indícios de que as crianças conseguiram, por meio da sequência didática, estabelecer as primeiras relações sobre questões socioambientais, em diferentes níveis de reflexão, através de rodas de conversa e aulas dialogadas. A discussão chegou ao nível de algumas crianças entenderem a importância da redução do consumo e da reciclagem.

Ao abordar essas questões socioambientais no âmbito das discussões com as crianças, neste caso específico, a produção e o destino do lixo estamos favorecendo elementos de uma Educação Ambiental crítica, que vai para além da visão conservacionista e da visão pragmática, como bem nos apontam Layragues e Lima (2014).

As crianças demonstraram, ainda, apropriação e ampliação de vocábulos, conversaram sobre condições de trabalho em um aterro sanitário, trabalho infantil, e algumas crianças conseguiram articular os conteúdos com suas vivências, à medida que familiares trabalhavam com reciclagem.

Também foi possível às crianças visualizarem o funcionamento de um aterro, o desperdício de alimentos, o reaproveitamento do que é lixo para alguns ser útil para outros, as diferenças das classes sociais.

Trabalhar essa temática específica (consumismo) é de grande relevância, dada a situação em que as crianças já são consumidoras, além do que podemos estimular o olhar sobre outras formas de se relacionar com o meio, de maneira mais consciente, diferente do modelo de consumismo em que vivemos.

Pensar em atividades que contemplem a Educação Ambiental em uma abordagem crítica com crianças da Educação Infantil se constitui numa tarefa complexa porque não basta trabalhar os conceitos, temos, pois, que pensar nas estratégias de ensino e aprendizagem adequadas, nas diferentes linguagens que dialogam com as crianças no sentido de exploração sensorial, problematização a partir de vivências cotidianas, brincadeiras, interações, resolução de problemas e possíveis reflexões.

As discussões mais aprofundadas não são possíveis com crianças pequenas, mas essa primeira aproximação, por meio da sequência didática, apresentou dados interessantes, demonstrando que é possível iniciar um trabalho de Educação Ambiental crítica já na Educação Infantil.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FOLADORI, Guillermo. **Limites do desenvolvimento sustentável**. Tradução: Marise Manoel. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

INSTITUTO ALANA. **Criança e consumo**. Disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br>>. Acesso em: 3.mar.2017.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e Educação Infantil**: uma abordagem histórica. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LAYRARGUES, Philippe P.; LIMA, Gustavo. F. C. As macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n.1, p. 23-40, 2014.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.